



Eixo: Serviço Social, fundamentos, formação e trabalho profissional.
Sub-eixo: Fundamentos históricos e teórico-metodológicos.

A DIMENSÃO TÉCNICO-OPERATIVA NO MÉTODO BH: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A RECONCEITUAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL NA OBRA “TEXTOS DE SERVIÇO SOCIAL” DE LEILA LIMA SANTOS

ERLENIA SOBRAL DO VALE¹
LARISSA SILVA CARVALHO²
GLEYDISLANE NUNES DE SOUSA³

Resumo: o presente artigo tem por objetivo trazer o debate sobre o método BH e sua contribuição para a instrumentalidade do serviço social com foco na dimensão técnico-operativa. A abordagem é feita a partir da obra de Leila Lima Santos (1982). O método realizado nos anos 1970, período em que a profissão vivia a reconceituação de sua base teórico-prática, foi inovador para seu tempo, onde a conjuntura era de autocracia burguesa, forte repressão militar, crises política e econômica.

Palavras-chave: método BH; técnico-operativo; reconceituação.

Abstract: the present article aims to bring the debate about the BH method and its contribution to the instrumentality of social service with a focus on the technical-operative dimension. The approach is based on the work of Leila Lima Santos (1982). The method carried out in the 1970s, when the profession lived to reconceptualize its theoretical and practical basis, was innovative for its time, where the conjuncture was of bourgeois autocracy, strong military repression, political and economic crises.

Keywords: BH method; technical-operative; reconceptualization.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de pesquisa em iniciação científica que tem por título “A dimensão técnico-operativa da instrumentalidade na literatura do Serviço Social: aspectos conceituais e perspectivas ético-políticas”, investigação desenvolvida desde o ano de 2013 na Universidade Estadual do Ceará – UECE. A pesquisa tem como objetivo geral; extrair da literatura do Serviço Social (tradicional e hodierna) os fundamentos teóricos e ético-políticos que marcam o

¹ Professor com formação em Serviço Social. Universidade Estadual do Ceará.

² Estudante de Graduação. Universidade Estadual do Ceará.

³ Estudante de Graduação. Universidade Estadual do Ceará. E-mail: <gleydislane@hotmail.com>

uso de instrumentos e técnicas na profissão. Como objetivos específicos: I) Identificar os principais instrumentos e técnicos presentes historicamente na literatura do Serviço Social; II) Extrair da literatura alguns elementos centrais: foco dos instrumentos e técnicas, compreensão de autonomia profissional, relação tradicional x moderno; Relação com o usuário, interdisciplinaridade, dimensão ético-política e principais fundamentos teóricos. III) Recuperar as similaridades e diferenças que configuram o uso de instrumentos e técnicas do serviço social

Por meio de levantamento bibliográfico foram escolhidas obras relevantes para cada período da profissão: origem, institucionalização, reconceituação e pós reconceituação. Para melhor compreensão foi utilizado como referência de organização das leituras, uma ficha padrão onde foram abordados: o contexto, os instrumentais e técnicas presentes na obra, a relação tradicional x moderno, interdisciplinaridade, a dimensão ético-política e seus principais fundamentos teóricos, grupos de estudos e planejamentos discussão de análise dos obras e sua contribuição para a profissão.

Debruçamo-nos na atual fase da pesquisa sobre o livro “Textos de Serviço Social” de autoria de Leila Lima Santos (1982), onde foi estudada a obra completa, com o preenchimento de ficha de leitura padrão e discussões no grupo de estudos. A obra foi lançada em 1982, década em que o país vivia sua redemocratização e o serviço social alcançava sua “maioridade intelectual” que correspondia em mudanças dadas por meio da reorientação de suas bases, como a reforma curricular lançada no mesmo ano, o Novo Código de Ética em 1983, além da intensa produção acadêmica, que segundo IAMAMOTO (2011) permite que os assistentes sociais ingressassem na categoria de pesquisadores reconhecidos. “A relação do debate atual com esse longo trajeto é de uma relação de continuidade e ruptura” (p. 51).

O presente artigo é um recorte que expressa a continuidade da pesquisa de Iniciação Científica que toma este texto cujo enfoque e o Método B.H. aplicado durante os anos de 1972 a 1975 em experiência realizada na cidade de Itabira estado de Minas Gerais; a equipe vinculada a Universidade Católica de Minas Gerais era formada por três estagiárias, um professor orientador e um

supervisor da Legião Brasileira de Assistência (LBA) que também financiava o projeto.

Fruto de estudo minucioso o Método teve como critérios iniciais: a) a aproximação à população com maior potencial de transformação; b) interiorização dos campos de estágio; c) atuação em obras mais amplas e abertas; d) atuação sobre uma realidade mais ampla e não apenas sobre problemas isolados (Idem, p. 69).

Segundo a autora, foram selecionados 9 (nove) bairros da cidade totalizando 12.000 (doze mil) habitantes e com isto chegou-se a duas categorias de subdivisão: população com trabalhadores não vinculados a C.V.R.D (Companhia Vale do Rio Doce) e população com trabalhadores ligados a empresa. Optou-se pela primeira categoria, pois estes eram os mais desprovidos de direitos. Era um bairro com uma grande concentração de operários, grupo com menor organização e com necessidades mais pertinentes – como políticas de saúde, educação e saneamento básico – ao desenvolvimento da pesquisa.

A mediação foi feita pelo CONSCIOS (Conselho Central Itabirano de Obras Sociais), o que facilitou a aproximação junto à população; eles buscavam o desenvolvimento efetivo da comunidade, a Legião Brasileira de Assistência (L.B.A.), como órgão financiador mediador no estágio e a Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Minas foi o órgão que deu as orientações técnicas.

Importante situar que o método BH está contextualizado no processo de Reconceituação do serviço social que tem três fases: Modernização Conservadora, Reatualização do conservadorismo e Intenção de ruptura. Como afirma NETTO (2011), a perspectiva da intenção de ruptura é marcada também por três fases; a emergência, a consolidação acadêmica e o espraiamento sobre a categoria profissional, tendo no método B.H a sua origem. Belo Horizonte era marcada por movimentos sindicais e populares, notadamente durante o desenvolvimento industrial da capital mineira, “muito especialmente, ali existia uma forte tradição estudantil não só democrática, mas com impulsões revolucionárias e socialistas” (NETTO, 2011. p.262).

Santos (1982) identifica que o processo metodológico do Método BH consistia em 7 (sete) momentos, os descreve e depois analisa a luz da experiência concreta.

1 A DIMENSÃO TÉCNICO-OPERATIVA NO MÉTODO BH

A estudiosa identifica elementos próprios do conhecimento científico e da experiência de campo que tem como proposta a investigação-ação, refletindo e buscando uma maior aproximação às lutas do Serviço Social, a interação entre o conhecimento e a ação, onde afastou e negou os modelos fabricados a partir da metodologia “clássica” (caso, grupo e comunidade), rompendo “com o tradicionalismo no plano teórico-metodológico, no plano da concepção e da intervenção profissionais e no plano da formação”(NETTO,2011. p.263). Esta busca de ruptura levou a um processo de elaboração de um método com etapas, fases e momentos, “buscando alternativas sofisticadas ao estudo, diagnóstico e tratamento propostos pela ‘metodologia americana’” (SANTOS, p.8) e, assim, “[...] descobrir novos caminhos, delinear novas rotas, novos requerimentos metodológicos” (SANTOS, 1982, p.9), tentando localizar até onde o conhecimento e a prática estão juntos, dentro da perspectiva do movimento de reconceituação. A busca por um salto para a profissão ao tentar superar os limites conservadores, tendo uma “maior aproximação concreta com a realidade dos setores populares no intuito de transformá-los” (SANTOS, 1982, p. 164).

O trabalho junto à classe trabalhadora propõe uma prática social que supere o teorismo e o pragmatismo. A inserção da profissão na universidade e seu contato com as diversas disciplinas das ciências sociais conduziu-a a uma autocrítica sobre a produção de conhecimento e com isso o questionamento sobre a relação teoria e prática no Serviço Social e, suas contribuições para a profissão na fase de Reconceituação.

Além do método, a autora também realiza reflexões críticas acerca de outras temáticas pertinentes a reconceituação do Serviço social, “[...] tendo como objetivo superar as deformações acadêmicas” (Idem, p.161). Ao descrever os

princípios teóricos e a experiência com o “Método B.H”, a autora cita diversos instrumentos utilizados pelos profissionais durante a pesquisa, reafirmando uma intervenção que buscava proporcionar a autonomia dos sujeitos, como o diário de campo, a observação participante, reuniões realizadas com a equipe e com os moradores, no intuito de romper com a metodologia “clássica” (caso, grupo e comunidade).

Do mesmo modo, se cristalizam novos campos do exercício profissional, buscando com isso uma aproximação as reais forças sociais transformadoras, e, portanto, uma exaustiva procura de métodos de intervenção consequentes com a recente tendência teórico-ideológica. (Leila Lima Santos, 1982, p.109)

Podemos verificar principalmente neste trecho a aproximação que o método tenta efetivar na perspectiva de uma instrumentalidade articulada em suas três dimensões, pois ele busca mecanismos de aproximação com as dimensões teórico-metodológico, ético-político e técnico-operativo. Segundo Guerra apontando a instrumentalidade como mediação significa

Tomar o Serviço Social como totalidade constituída de múltiplas dimensões: técnico-instrumental, teórico-intelectual, ético-política e formativa (Guerra 1997), e a instrumentalidade como uma particularidade e como tal, campo de mediações que porta a capacidade tanto de articular estas dimensões quanto de ser o conduto pelo qual as mesmas traduzem-se em respostas profissionais. (Guerra. P. 12)

A obra nos mostra o modo como se configurava o “Método B.H” que foi entendido como caminho e meio para sair das dificuldades do momento, tendo como objeto de pesquisa a classe oprimida e, como objetivo principal, a transformação da sociedade e do homem por meio da conscientização, capacitação e organização. Assim, podemos dizer que “[...] o assistente social, se dá conta do fortalecimento de uma linha de estudo mais exigente, cada vez mais social que individualista [...]” (SANTOS, 1982, p.110). Propicia-se também uma maior aproximação de professores e estudantes a realidade concreta dos setores sociais, formando assim profissionais críticos, e comprometidos com as demandas, pensando em um desenvolvimento do conhecimento social objetivando os interesses das classes sociais.

Na primeira parte do texto, a estudiosa aborda os pressupostos teóricos fundamentais que embasam a teoria do conhecimento em geral, identificando os elementos do conhecimento científico, pautando questões referentes a unidade teoria e prática. Nas considerações sobre o marco referencial ela busca expor a importância do marco teórico para uma atuação eficaz na realidade; este acúmulo teórico pode ser feito pelas experiências pessoais do investigador, de sua visão de mundo e valores, subsídios teóricos anteriores, exigências da própria realidade e quais serão as prioridades para o estudo em questão.

Segundo Santos (1982) as matérias que influenciaram a formulação e execução do método foram: a filosofia; temáticas relacionadas a educação popular, introduzidas pelas categorias de Paulo Freire; estudos acerca da produção capitalista e da formação social latino-americana. A estudiosa também introduz o que ela chama de “a teoria da marginalidade” que trata das áreas periféricas e por último as questões da reforma agrária, tendo em vista que a experiência se daria nas zonas rurais. Buscava-se também uma prática metodológica que fosse participativa, democrática e constantemente avaliada, paternalista e comprometida (Idem, p. 122).

As áreas de atuação, é onde o profissional desenvolve a prática profissional dentro de uma totalidade específica, devendo “[...] haver prioridades para a atuação profissional.” (p.45). Conforme Santos (1982) nos fala, são definidas como áreas prioritárias, aquelas que possibilitam trabalhar sobre uma realidade global, não sendo apenas uma atuação “focalista”, áreas onde se concentram grupos sociais prioritários, áreas que ofereçam ao trabalho um efeito multiplicador, uma expansão do trabalho, com autonomia profissional e tecnológica, onde muitas vezes são condicionantes das organizações e das instituições, interferindo na atuação profissional, os condicionando as suas normas, políticas e no desenvolvimento de suas ações.

O livro expõe o método em sete momentos, onde o primeiro momento é formado pela abordagem e percepções do investigador, composta pelas sub etapas: aproximação I, pré-contato, contato global, organização I, onde “por um processo de aproximações sucessivas, atinge-se o conhecimento dos aspectos

internos e suas relações causais, com vista à compreensão da realidade como um todo.” (SANTOS, 1982, p.70).

Analisa-se a realidade, que se mostra isolada, mas que o técnico no pré-contrato e no contato global deve ver como parte de um todo, buscando o suporte entre as relações individuais e o ambiente, “visando a identificação de pessoas e grupos representativos da área de atuação.” (Idem, p. 50). Neste momento houve um maior conhecimento e interação entre o técnico e a própria população, porém na experiência realizada não foi possível a princípio a percepção de que os problemas individuais na verdade eram do bairro como todo.

Na organização I, a população discute e prioriza os problemas, “Tal discussão e hierarquização tem como objetivo não apenas unia ampliação do conhecimento, como também uma ação concreta” (SANTOS, 1982, p. 53) onde “os elementos obtidos inicialmente relacionavam-se aos aspectos mais sensíveis, portanto de maior facilidade de apreensão imediata; na medida em que houve maior acerto com a população, o conhecimento foi ampliado e aprofundado nos seus aspectos essenciais,” (SANTOS, 1982, p.72)

O 2º Momento *a investigação significativa* é onde “[...] os membros dos grupos participantes aprofundam o conhecimento sobre sua realidade, tornando-se sujeitos de sua própria investigação.” (SANTOS, 1982, p. 54) o que se constitui em um processo de capacitação da comunidade, o que influencia a “procura, comprovar, verificar, especificar e ampliar os dados levantados nas etapas anteriores;” (idem, p. 55), e foi a base para a elaboração do diagnóstico.

O 3º Momento *interpretação diagnóstica* é onde foi feita uma síntese das etapas anteriores, onde os dados e a prática são “[...] coordenados, interpretados e generalizados”.

“Não se trata de uma simples coleta e sistematização dos dados como eles se apresentam, mas sim uma interpretação e análise que considerem o contexto global que os condiciona e os explica.” (Idem, p.56)

O 4º Momento *aproximação II* “caracteriza-se pela ampliação do trabalho que vem sendo desenvolvido através da discussão do diagnóstico, da seleção de alternativas de ação e da organização de novos grupos de ação. [...]

constitui nova confrontação com a realidade, após a sistematização e realimentação teórica, realizada no diagnóstico.” (Idem, p.48), tendo como objeto restaurar o diagnóstico anterior, conscientizando o público de sua realidade e do trabalho que está sendo realizado dentro da comunidade.

O 5º Momento *programação* foi quando começaram a programar metas, selecionar materiais, meios e técnicos para a realização de cada meta, visando os obstáculos para ter controle sobre as ações que deseja realizar.

Foram desenvolvidos como metas: a) um treinamento de comunicação; b) construção do posto médico, que ficou “segundo projeto, por se considerar um problema de maior dificuldade de solução”, c) organização de um encontro dos moradores; d) resolução do problema de luz. (SANTOS, 1982, p.96)

O 6º Momento é a *execução de projeto*, buscando a transformação da realidade,

Especificamente neste momento metodológico, a execução consiste em realizar, fazer ou executar o que foi estabelecido na programação. Não se trata mais de considerações teóricas, nem de formulação de princípios* mas de colocar em andamento os diferentes projetos programados, com a finalidade de alcançar os objetivos propostos. (SANTOS, 1982, p.62-63).

O 7º e último momento, *revisão e sistematização geral* “consiste na retomada final de todos os elementos intervenientes nos momentos anteriores.” “[...] sendo uma revisão teórico-prática sobre todo o trabalho”.

Com base em Santos (1982) as técnicas utilizadas foram: “discussões em pequenos grupos”, o que favorecia a diminuição das inibições dos moradores frente a uma situação nova; discussão em plenária quando se pretendia obter uma visão de conjunto dos dados coletados; tornava-se necessário algum esclarecimento geral; A investigação foi realizada através de entrevistas informais, basicamente reuniões de discussões e descrições de problemas.

Na pesquisa foram utilizados como instrumentais o diário de campo e reuniões de equipe, que tinha como objetivos efetivar um desejo da profissão de aproximar-se da pesquisa de campo com intuito de produzir um conhecimento científico pautado na transformação da realidade, onde “o técnico permanecia na

comunidade o maior tempo possível, não só os dias úteis, como também nos fins de semana, participando das comemorações que faziam parte da vida da comunidade,”(p.77), para o controle, eram feitas avaliações das reuniões com a população, “avaliação das reuniões realizadas com a população.

Esta avaliação tinha critérios estabelecidos pelo próprio grupo, que neste momento estavam centrados no elemento participação “[...] quanto maior o número de participantes maiores as possibilidades de realizações.” (p.80),

O Projeto foi interrompido devido a “uma crise que leva a demissão dos seus principais formuladores e gestores” (NETTO, 2011, p. 263). O fato leva a perspectiva de intenção de ruptura a certo apagamento o que só seria recuperado no final dos anos 1970 quando a produção intelectual do serviço social na pós-graduação avança em seu pensamento crítico de oposição ao tradicionalismo. Nisto Netto vai dividir as discussões de ruptura em dois patamares: o primeiro que se dará nos anos 1970 onde o debate acerca da renovação é resgatado “com nítidos objetivos de clarificação epistemológica e desnudamento ideológico” (p. 265); e o segundo que acontecerá nos anos 1980 onde este acúmulo da década anterior impulsionará um salto para a profissão numa busca de pensar a “própria instituição Serviço Social” defrontando-se com as fontes “clássicas” da teoria social (p. 266).

Na análise da autora a proposta e a experiência do Método BH representam um progresso para a ação investigadora em comparação a intervenção tradicional. Houve uma busca de aproximação à lógica dialética e sua tentativa de adaptação aos programas de capacitação e organização popular.

A busca de previsibilidade de todos os momentos sinalizou uma certa tentativa de onipotência, não observadora dos obstáculos durante o processo. Há um sofisticado esquema metodológico, entretanto é possível perceber certas fragilidades apontadas pela autora como a não diferenciação social das classes trabalhadoras. Entretanto, foi revelado pela própria autora do livro, que o processo de transformação é lento, gradual e progressivo. Foi um salto que a profissão deu, ao sair do imediatismo, proposto pelo positivismo, buscando a intervenção social

de maneira direta, conscientizando a população de seus direitos, para que eles mesmos sejam os protagonistas da ação modificadora.

Os assistentes sociais buscavam mecanismos de transformar a situação dos bairros envolvidos na pesquisa, na tentativa de resolver os problemas mais emergentes daquela população, “possibilitar o atendimento das demandas e o alcance de objetivos (profissionais e sociais) constitui-se numa condição concreta de reconhecimento social da profissão” (GUERRA, p. 2).

A partir da experiência, a autora relata a dificuldade em termos de estrutura, saúde e educação sofridas pelos bairros de baixa renda, onde a falta de água, a ausência de grupos escolar e a falta de organização, são necessidades e realidades que precisam ser modificadas, mas que o processo e os resultados são vistos de forma lenta e gradativa.

2 A CRÍTICA

Netto (2011) cita características que lhe chamam a atenção na implantação do método, como sua natureza institucional que envolveu o poder público (prefeituras e LBA) e a estratégia de interiorização, não só na capital, mas nas cidades do interior como Itabira.

Acerca do tradicionalismo o autor ainda traz três elementos centrais criticados pelos criadores do método: a perspectiva ideopolítica de neutralidade, que na verdade atua em defesa de determinados interesses; a perspectiva teórico-metodológica que orienta a ação e os fenômenos é concebida de modo fragmentado; o operativo-funcional da ação profissional segue no sentido de “eliminar as disfunções, os problemas de desadaptação, as condutas desviadas” (*apud*, Análise histórica..., p. 6-7).

Na análise da realidade brasileira a equipe utiliza referências da teoria marxista e teoria da dependência⁴, sendo esta segunda mais ressaltada no texto.

⁴ É uma teoria latino-americana surgida nos anos 1960 que buscou explicar as especificidades do desenvolvimento econômico na periferia. “As discussões dos anos 50 e 60 acerca do

O autor acrescenta também que elementos da Educação Popular são inseridas nos estudos do método, mas “não se limitam a uma simples incorporação de ideias freirianas, avançando para uma visão e uma ação sociocêntricas mais radicais” (NETTO. 2011, p. 279).

Ele coloca também que se fosse realizada uma análise efetiva da realidade brasileira, onde logo no início seria provada a insuficiência teórica do método. Somente com a autocrítica após a aplicação do mesmo foi reconhecida a problemática no instrumento.

De um lado, sua força revela-se nos efetivos ganhos alcançados enquanto ordenação de operações interventivas (cf. infra), discriminação de bases e critérios para a intervenção e exigência de princípio de elaboração teórica sobre a prática profissional. De outro – e se trata aqui de uma unidade irreduzível, da qual não se podem separar os “lados bons” dos “maus” -, suas debilidades aparecem no simplismo, na pobreza categorial da sua impostação epistemológica e na pretensão de fundar o estatuto profissional como variável da sua “cientificidade” (NETTO, p. 285).

Netto destaca ainda três aspectos que considerou significativos no método. Primeiro: “o processo metodológico como ordenador das ações interventivas”; segundo: diferentes técnicas que “obedecem a uma estratégia interventiva definida com clareza”; terceiro: “a relevância do espírito crítico presente ao longo do trabalho”.

Dentre as dificuldades percebidas pelo autor é citada a “defasagem entre as referências teóricas com que o autor assumia a experiência e as condições particulares que contextualizavam a sua intervenção” (PP. 285-286). A primeira diz respeito, como já dito anteriormente, aos autores utilizados na obra que levou aos formuladores a fugirem da teoria original marxista. A segunda trata do suposto enriquecimento teórico proposto pelo método que seria alcançado ao final, o que não foi alcançado justamente pela problemática enfrentada desde a base da formulação.

desenvolvimento/subdesenvolvimento giraram em torno da participação do capital estrangeiro nas economias periféricas: se os ingressos externos dinamizariam as economias, ou ao revés, constituiriam obstáculo ao crescimento dos capitalismo locais” (MACHADO, 1999, p. 199).

Trata por “simplismo” e “vulgarismo” as diversas etapas do método, desde “o processo de conhecimento” nos seus momentos sensível e abstrato para chegar ao científico, até as categorias de interdependência, simultaneidade, circularidade, transformação mutua, contraditoriedade, etc. (SANTOS p. 26-29). Netto acrescenta inclusive que a própria noção de categoria inserida no texto foge do real significado marxista do termo.

A crítica feita por José Paulo Netto é necessária para compreendermos o quanto a profissão avançou teórico-metodologicamente. Mesmo o autor reconhece as debilidades postas pelo contexto da época, período de autocracia burguesa onde o país vivia forte repressão a qualquer pensamento crítico. Entretanto ele retoma novamente a questão de distanciamento das fontes originais do marxismo por parte dos formuladores e acrescenta que isto trouxe como consequência uma “contaminação positivista”.

A falta de uma sustentação ontológico-dialética e na escala em que devia conectar teoria e intervenção prático-profissional, vai na direção da conjunção do fatalismo mecanicista com o voluntarismo idealista [...] estabelece vínculos iluministas entre concepção teórica e intervenção profissional, deforma as efetivas relações entre teoria, método e prática profissional e simplifica indevidamente as mediações entre profissões e sociedade. (p. 287-288).

De fato as diversas etapas e momentos remetem a certo positivismo numa busca por aproximar o Serviço Social de um conhecimento científico. No texto “Metodologismo: explosão de uma época” Leila Lima Santos também tecerá suas críticas acerca do experimento. Primeiramente, partia-se do pressuposto que a investigação se daria a partir do conhecimento da própria população de sua realidade sem partir de hipóteses pré-concebidas. Ora, a própria metodologia consistia em conhecimento prévio de pedagogia e comunicação além de que para chegar a um diagnóstico da problemática era preciso confrontar os dados obtidos com o referencial teórico adquirido.

Outro ponto que a autora destaca refere-se a ausência de documentação da história da população, sua forma de pensar, a “natureza das companhias” e os problemas específicos da comunidade que muitas vezes foram reduzidos a meros problemas de infraestrutura e deixa “totalmente de lado

fenômenos de ordem econômica, sociológica, política, etc., ou, mais claramente, não descreve o processo produtivo nem ideológico dos grupos sociais com os quais trabalha” (SANTOS, 1982, pp. 130-131).

As observações sobre a organização popular são “relativamente soltas, apenas mencionadas, não analisadas” e centradas “no desenho de etapas e momentos” (p. 131). Em dado momento investigativo em que seria feito diagnóstico da realidade são citados muitos instrumentais como “entrevistas, reuniões de grupo, discussão em plenárias, etc.”, porém para a autora não fica claro o objetivo e o objeto de estudo, além de que “o conhecimento da realidade” é mencionado “em termos tão amplos, que, ao final dessa fase, se reconhece a necessidade [de] se delimitar a investigação”.

Mais uma vez a autora chama a atenção para certo desvio tomado pela pesquisa que no momento do “Diagnóstico” parte de “esquema histórico, político e social” e termina em “ausência de escola”. Também é pouco descrito o processo de organização da população e sua contribuição na elevação da consciência.

Também trata o referencial teórico inicial como “genérico”, “que não se conseguiu plena conscientização nem organização de grupos, por isso seria necessário aprofundar mais a análise da realidade brasileira e fazer um melhor detalhamento do objeto profissional” (SANTOS, 1982, p. 134). A problemática para os autores seria então a “estrutura do método de intervenção” que se centrou em “como se trabalha e não sobre o que se trabalha” (IDEM).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a leitura de LEILA Lima Santos identificamos o avanço significativo da experiência do método BH, contextualizado na intenção de ruptura. No que diz respeito a dimensão técnico-operativa da instrumentalidade o crescimento das abordagens mais coletivas e reflexivas apontadas mostram o esforço da categoria em se aproximar de um processo de educação popular, bem como a busca por se utilizar de instrumentos e técnicas fomentadores da conscientização da população sobre sua realidade. As particularidades da experiência vivida não podem ser

universalizadas, mas apontam a importância de não se fechar caminhos etapistas e inflexíveis na abordagem social, dada a complexidade da nossa matéria questão social e das próprias relações sociais.

Ao longo de sua história a profissão sempre se ocupou de diagnosticar antes da intervenção, mas as novidades do método BH quanto a isto se deve a preocupação com os princípios democráticos e classistas que estão na experiência, mesmo com as críticas apontadas pelos autores citados. Neste sentido compreendemos a importância de uma apropriação atenta e crítica deste método, tendo em vista que seu esforço levantou aspectos que tentam uma relativa unidade entre os aspectos conceituais, éticos e técnicos. Este é um desafio ainda constante no debate da instrumentalidade de nossa profissão.

A dimensão técnico-operativa segue um sentido de dar autonomia para os sujeitos e busca transformar a realidade social com o protagonismo destes, estas alternativas metodológicas podem ser visualizadas no decorrer da experiência, pois rompe com as institucionalizações, buscando de forma dinâmica a aproximação com a população.

REFERÊNCIAS

IAMAMOTO. Marilda Villela. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NETTO. José Paulo. **Ditadura e Serviço Social: uma análise do serviço social no Brasil pós-64**. 17.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS. Leila Lima. **Textos de Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1982.

GUERRA. Yolanda. A Instrumentalidade no Trabalho do Assistente Social. In: CFESS; ABEPSS; UNB (Orgs.). **Capacitação em Serviço Social e Política Social: Módulo 4: o trabalho do assistente social e as políticas sociais**. Brasília, 2000.

MACHADO, Luiz Toledo. A teoria da dependência na América Latina. **Estudos Avançados**, v. 13, n. 35, p. 199-215, 1999.